

João Regis

Dengue, Chikungunya e agora Zika.

Desde a década de 80 do século passado que o Brasil vem sendo atingido periodicamente por grandes epidemias de Dengue, com aproximadamente um milhão de casos em vários anos :1986,2002,2008,2010 e já agora em 2015, com a maior em 2013, atingindo dois milhões. Desde 1995 o país é detentor do maior registro de casos da doença no mundo e a partir de 2010 após a introdução em nosso território do vírus da Dengue 4, apresenta circulação ampla dos quatro tipos do vírus da Dengue (DENV):DEN 1, DEN 2, DEN 3 e DEN 4,o que torna possível cada um de nós ser acometido por ela em quatro episódios distintos.

Em setembro do ano passado foram diagnosticados os primeiros casos de Chikungunya no Amapá (Oiapoque) e Bahia (Feira de Santana), hoje em vários outros estados: Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Roraima e Distrito Federal. E em abril deste ano, somente sete meses após, surgiu a Zika, acometendo pacientes da Bahia, com casos atualmente no Rio Grande do Norte, Maranhão, Alagoas, Roraima, Pará, Rio de Janeiro São Paulo, Ceará, Paraíba e aqui em Pernambuco.

As três doenças geralmente são assintomáticas ou com sintomatologia leve e inespecífica, comum a maioria das viroses. Nos casos típicos, há grande semelhança entre elas, com presença marcante de dores musculares e articulares. Na Dengue, frequentemente predomina febre elevada, dor atrás dos olhos e hemorragias; febre elevada dor e inchaço das articulações, na Chikungunya e ausência ou febre moderada, pontilhado avermelhado intenso pelo corpo e vermelhidão nos olhos, na Zika. Os sintomas comuns entre elas, torna o diagnóstico clínico para diferenciar uma da outra, em muitos casos, praticamente impossível e o diagnóstico laboratorial especializado, nem sempre disponível, exigem do médico vigilância dos pacientes durante toda fase aguda da doença, orientando-os para buscar rápido atendimento, quando presente sinais de gravidade, o que chama atenção para os quadros de Dengue Hemorrágica, que evoluem rapidamente para óbito, como resultado da instalação abrupta de choque. Dor abdominal intensa contínua, vômitos persistentes, sonolência ou irritabilidade, desmaio, sangramentos, diminuição importante do volume urinário, queda brusca da temperatura e dificuldade em respirar, são considerados os sinais de alarme, importantes para avaliar o agravamento do quadro e necessidade de instalação de terapêutica agressiva, geralmente em ambientes hospitalares. As três são arboviroses (Viroses transmitidas por insetos), endemo-epidêmicas, originárias da África, hoje com ampla distribuição mundial, predominando nos países tropicais da África, Ásia e Américas. O vírus da Dengue (DENV) e o vírus da Zika (ZIKV) pertencem a uma mesma família e o vírus da Chikungunya é de uma família próxima, todos transmitidos por mosquitos do gênero Aedes. O Aedes aegypti predomina nas áreas urbanas enquanto o Aedes albopictus (Tigre asiático), nas urbanas, suburbanas, rurais e silvestres. Ambos já com alta densidade e amplamente distribuídos pelo território nacional, o Aedes aegypti desde 2000 em todos os estados do país e o Aedes albopictus em área menor, porém com grande dispersão em nossa região mais populosa, o sudeste. Embora até o momento não se tenha confirmado casos de transmissão das arboviroses no Brasil pelo Aedes albopictus, não se pode assegurar que não venha a ocorrer, pois ele tem sido capaz de fazê-lo em outros países, o que a se concretizar aumentaria em muito o risco de contrair essas doenças.

As medidas governamentais implementadas no Brasil no combate aos insetos, quase que exclusivamente baseadas em campanhas educativas voltadas a população, para

não permitir a existência de água livremente acumulada nas residências, tem se mostrado insuficientes para resolver esse grave problema de saúde pública, haja visto as repetidas epidemias de Dengue e as recentes presenças de Chikungunya e Zika, estas a serem provavelmente responsabilizadas brevemente por novas e grandes epidemias. Mesmo com a recente anúncio da produção de uma vacina para Dengue, com proteção estimada de apenas 60%, pelo laboratório francês Sanofi Pasteur, cuja documentação encontra-se desde março na Agência Nacional de Vigilância Sanitária(ANVISA) para obtenção de licença de uso no Brasil, o poder público continua com a obrigação de propiciar boas condições ambientais envolvendo as residências e seu entorno. Falta ações efetivas do governo no sentido da estruturação de um saneamento básico de qualidade que ofereça água tratada e destinação para o lixo e dejetos humanos, condições responsáveis pelo acúmulo de água parada nas comunidades, criadouros de mosquitos responsáveis por essas e outras doenças de grande repercussão social.

João Regis

Médico Membro da Academia Brasileira de Pediatria.